

## Comentário do Gestor

Setembro foi mais um mês marcado pela abertura da curva de juros americana, com a perspectiva de juros altos por mais tempo do que anteriormente previsto. A atividade mais resiliente, explicitada nos dados de emprego; a preocupação com déficit fiscal e eterna discussão de extensão do limite do teto da dívida, combinada à superoferta dos leilões do Tesouro americano; além da necessidade de venda de *treasuries* pela China e Japão, para conter desvalorização de suas moedas, também foram motivos para tal movimento, que se alastrou para os ativos de risco, que tiveram desempenho negativo no mês.

Pelo terceiro mês consecutivo, a curva de juros abriu e empinou, com o vértice de 2 anos abrindo 19 pb (pontos base) e o 10 anos, 46 pb, chegando a níveis próximos de 5%. No mercado de renda fixa, os principais índices tiveram abertura nas taxas, com maior aversão ao risco por parte dos investidores. O risco país do Brasil (CDS de 5 anos) abriu de 168 pb para 188 pb, o *spread* do índice de bonds corporativos da América Latina, compilado pela Bloomberg, abriu 14 pb, de 403 pb para 417 pb, e o *spread* dos títulos americanos de alto rendimento dos EUA (*US High Yield*) avançou de 425 pb para 480 pb. O DXY (Dólar Index - cesta de moedas contra o dólar americano) avançou 2,5% e o BRL teve desvalorização de 1,6%, enquanto as bolsas americanas recuaram no mês, com S&P 500 a -4,9%, Nasdaq -5,8% e Ibovespa com leve alta de 0,7%. O *benchmark* de volatilidade do S&P 500 (VIX) teve avanço, de 13,57 do mês anterior para 17,52.

Nos Estados Unidos, a atividade continua a surpreender positivamente, com relatório de desemprego e outros indicadores de atividade, afastando temor de recessão e cortes nos juros no curto prazo. A inflação está em desaceleração, porém ainda acima da meta e sem previsão para voltar à mesma. As vendas no varejo avançaram 0,6% m/m, ante consenso de 0,1% m/m, a produção industrial subiu 0,4 m/m, ante expectativa de 0,1% m/m, com revisado do mês anterior de 1,0% m/m para 0,7% m/m. Já a terceira revisão do PIB referente ao 2º trimestre, referendou o crescimento de 2,1% t/t, abaixo do consenso de 2,2% t/t. O menor crescimento frente ao primeiro trimestre, revisado de 2,0% t/t para 2,2% t/t, se deve à desaceleração nos gastos do consumidor,

exportações e gastos do governo federal, parcialmente compensadas por uma recuperação dos estoques, investimento não residencial e queda menor no investimento residencial.

Já os dados de inflação vieram em linha com esperado, com CPI a 3,7% a/a em agosto, avançando de 3,2% a/a de julho. O núcleo recuou de 4,7% a/a em julho para 4,3% a/a. Já o PCE de agosto veio em linha com expectativas, marcando 3,5% a/a, ante 3,4% a/a de julho e núcleo 3,9% a/a, ante 4,3% a/a do mês anterior. No mercado de trabalho, corroborando os números mais fortes de atividade, foram criados 336 mil empregos em setembro, bem acima do consenso de 170 mil, mantendo taxa de desemprego em 3,8%. Em relação aos últimos 2 meses, foram revisados e elevados em 119 mil vagas.

Assim, o FOMC, conforme sinalizado na última reunião, manteve juros entre 5,25% e 5,50%, e o comitê teve uma postura mais *hawkish* nos *dot plots*, elevando em 0,5% a taxa de juros para final de 2024, ratificando postura do *higher-for-longer*. Em relação aos passos futuros, membros estão divididos em manter taxa ou elevar mais 25 pb, seja pelo efeito das altas anteriores que ainda surtirão efeito, seja pela força da atividade e inflação ainda acima da meta. Um tópico de discussão recente é a mudança de meta de inflação de 2%, principalmente pela mudança demográfica e seu reflexo no mercado de trabalho. Tais mudanças pressionam a inflação em outras regiões também, e já foi comentado até pelo Campos Neto há poucos meses. Todos os membros do FOMC que teceram comentários e foram bem claros que tal mudança só pode ser cogitada após inflação atingir a meta de 2%, principalmente para não transmitir mensagem de leniência.

Na China, os dados indicam uma elevação das exportações e importações na comparação anual, além de dados de atividade mais fortes, principalmente na indústria, que corroboraram a narrativa de leve recuperação da economia chinesa, levando à valorização do minério de ferro e petróleo no mês, este impactado também por restrições de oferta de produtores. Contudo, setor imobiliário e seus defaults ainda geram certa desconfiança nos investidores, levando o Governo a atacar tais problemas, reduzindo restrições para a compra de imóveis, por exemplo. O ponto

positivo da atividade chinesa mais claudicante é a exportação de desinflação para o resto do mundo.

Na Zona do Euro, PIB do segundo trimestre desapontou, e recuou 0,1% t/t, ante consenso de alta de 0,3% t/t, além de produção industrial e PMIs de manufatura bem abaixo do consenso. Em relação à política monetária, o BCE manteve os juros inalterados, em linha com consenso. Membros da autoridade monetária em seus discursos, com dados de atividade mais fracos, não fecharam a porta para novas altas, mas os discursos tem indícios de que não pretendem mais elevar juros, pontuando que as elevações passadas estão reduzindo atividade e inflação e ainda surtirão efeito no futuro.

Pela América Latina, o Banco Central do Chile cortou os juros em 75 pbs, em linha com consenso, a 9,5%, diminuindo ritmo da queda anterior, de 100 pbs. A inflação continua a arrefecer, a 5,3% a/a, abaixo do consenso de 5,6% a/a, e as vendas no varejo estão em território negativo, a -9,1% a/a. Na Colômbia, o BanRep manteve as taxas de juros em 13,25%, em decisão dividida, com Ricardo Bonilla, presidente do BanRep, votando por corte de 25 pbs. Diferentemente do Chile, o núcleo de inflação se encontra em 11,19% a/a, justificando postura mais dura da autoridade. No México, com núcleo da inflação rodando próximo a 6% a/a e alta das *treasuries*, o Banxico, um dos mais correlacionados com Fed, manteve os juros em 11,25%. O grande destaque local foi AMLO aumentar tarifas unilateralmente de concessionárias de aeroportos, as quais tiveram suas ações em queda livre durante o pregão, e puxou os ativos de risco mexicanos para baixo. Tal receio se deve a perda de confiança do setor privado no presidente, aliado a uma medida parecida há meses atras, ao nacionalizar um trecho de uma ferrovia privada.

No Brasil, o Banco Central cortou 50 pb, como anunciado na última decisão e em linha com consenso, levando os juros a 12,75%. Com a piora no cenário externo, como relatado na Ata do COPOM e no Relatório Trimestral de Inflação, com riscos vindo da desaceleração chinesa e da elevação das taxas de juros de longo prazo americanas, Campos Neto e Galípolo foram claros de que o momento não é propício para aumentar a velocidade do corte. O IPCA de agosto ficou em

4,61% a/a, ante consenso de 4,66% a/a e 3,99% a/a de julho, ainda acima da meta, e dados de atividade, como IBC-Br e produção industrial, vieram mais fracos que o consenso.

Na política, mês sem grandes novidades, com o noticiário e mercado cobrando maior responsabilidade fiscal sendo o principal destaque. Após resolver imbróglio com Centrão em relação à reforma ministerial, o apoio continua parcial, tanto em número de parlamentares, como na afinidade em relação aos projetos. O grande ponto de interrogação é o déficit primário para 2024, que na PLOA foi otimista, ao propor 0% de deficit primário, com excesso de foco na arrecadação. Caso não consigam cumprir tal previsão, o lado negativo se dá pela falta de credibilidade do Executivo, mas, do lado positivo, possíveis contingenciamentos, o que poderia ser visto como positivo, desde que não abram excepcionalidades. A única novidade relevante foi a questão dos precatórios e toda discussão de como resolvê-los. A questão de se devem entrar ou não na meta de superávit primário pegou o mercado de surpresa e adicionou temor sobre o fiscal e sobre potencial contabilidade criativa vinda por parte do Governo.

### **Desempenho do fundo**

O fundo teve rentabilidade de -0,41% no mês, ante CDI de 0,97%. Nos últimos 12 meses, o fundo valorizou 13,47%, contra um CDI de 13,44%, equivalente a 100% do CDI. A volatilidade para esse mesmo período ficou em 3,81%. O fundo está com sua *duration* consolidada em 5,2 anos e uma carteira de *bonds* com *yield* de 9,19% em dólares. As maiores posições do fundo são: Brasil (soberano), Banco do Brasil, Petrobras, Suzano e Tupy.

Salientamos que o fundo está bem posicionado para enfrentar os desafios de curto e médio prazos e que nossa gestão continua especialmente ativa, pronta para agir caso o cenário corrente se desvie de nossas expectativas de mercado.



## OBJETIVO DO FUNDO

O fundo Octante Crédito Privado FIC FIM IE prevê a aplicação de no mínimo 95% do seu patrimônio líquido nas cotas do Fundo Master (Octante Crédito Privado Master FIM IE), que tem como objetivo buscar rendimentos superiores a 100% da variação do CDI no longo prazo, através do investimento em *bonds* corporativos e soberanos da América Latina, concentrado em Brasil, com proteção cambial.

## HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

Retornos mensais	Fundo	CDI	%CDI
Desde o início	474,68%	252,85%	188%
Últimos 12 meses	13,47%	13,44%	100%
set-23	-0,41%	0,97%	-
ago-23	0,32%	1,14%	28%
jul-23	2,85%	1,07%	266%
jun-23	1,60%	1,07%	150%
mai-23	-0,06%	1,12%	-
abr-23	1,00%	0,92%	109%
mar-23	0,43%	1,17%	37%
fev-23	-1,34%	0,92%	-
jan-23	1,27%	1,12%	113%
dez-22	1,53%	1,12%	137%
nov-22	3,73%	1,02%	366%
out-22	1,89%	1,02%	185%

Retornos anuais	Fundo	CDI	%CDI
2023	5,75%	9,93%	58%
2022	14,54%	12,37%	118%
2021	4,34%	4,40%	99%
2020	9,20%	2,77%	332%
2019	19,12%	5,97%	320%
2018	10,12%	6,42%	158%
2017	15,70%	9,95%	158%
2016	37,90%	14,00%	271%
2015	4,25%	13,23%	32%
2014	13,98%	10,81%	129%
2013	2,79%	8,05%	35%
2012	17,40%	8,41%	207%
2011	17,15%	11,59%	148%
2010	14,38%	9,74%	148%
2009*	3,73%	4,64%	80%

\*desde 17/06/2009

## INFORMAÇÕES GERAIS

Investimento Mínimo	R\$ 5.000,00
Movimentação Mínima	R\$ 1.000,00
Taxa de Administração*	1,50% ao ano
Taxa de Performance	20% do que exceder 100% do CDI
Classificação Anbima	Multimercados Investimento no Exterior
Horário limite para aplicação	14:00 horas
Cota do Resgate	D+15 dias corridos
Pagamento do Resgate	D+2 da cotização
Banco	Itaú Unibanco (341)
Agência	8541
Conta	37445-3
CNPJ	09.577.092/0001-41
Favorecido	Octante Crédito Privado FIC FIM IE
Gestor	Octante Gestão de Recursos Ltda
Administrador	INTRAG
Custodiante	Banco Itaú S.A.
Auditor	PWC
ISIN	BROCTACTF005

\*Taxa de administração total de 1,50% a.a., sendo 1,00% a.a. incidente sobre os investimentos no Octante Crédito Privado FIC FIM IE, acrescido de 0,50% incidente sobre os investimentos do Octante Crédito Privado FIC FIM IE no Octante Crédito Privado Master FIM IE

As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de crédito - FCC. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura e a rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os fundos de crédito privado estão sujeitos a risco de perda substancial de seu patrimônio líquido em caso de eventos que acarretem o não pagamento dos ativos integrantes de sua carteira, inclusive por força de intervenção, liquidação, regime de administração temporária, falência, recuperação judicial dos emissores responsáveis pelos ativos do Fundo.

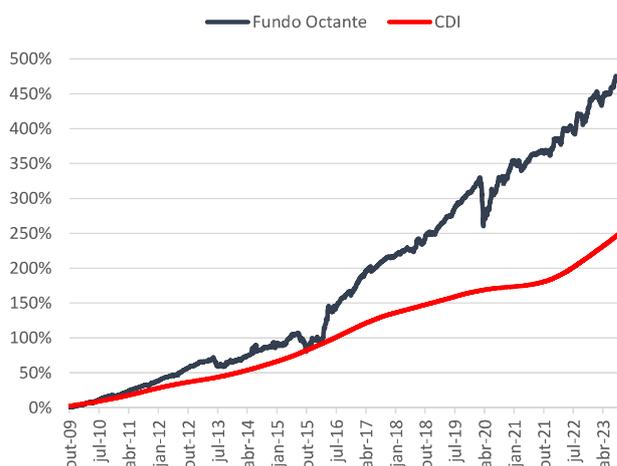
## PÚBLICO ALVO

O fundo se destina a receber, exclusivamente, aplicações de investidores qualificados.

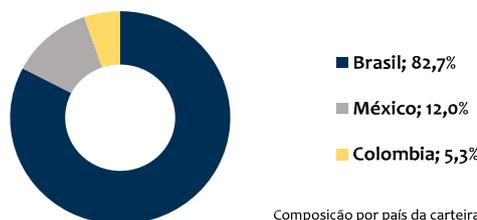
## ESTATÍSTICAS DO FUNDO

% de Meses de Retorno Positivo	82,6%
% de Meses de Retorno Negativo	17,4%
Volatilidade no Mês (Anualizada)	1,93%
Volatilidade 12 Meses (Anualizada)	3,81%
Índice Sharpe 12 meses	0,01
Valor da Cota em 29 de setembro de 2023	5.756,74
PL em 29 de setembro de 2023	45.608.927
PL Médio (12 meses)	44.146.789
PL do Master em 29 de setembro de 2023	107.238.520
Current Yield da Carteira de Bonds em USD	9,19%
Duration Média Consolidada	5,2 anos

## RENTABILIDADE HISTÓRICA



## COMPOSIÇÃO POR PAÍS



## COMPOSIÇÃO SETORIAL

